



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

SÍLVIA MARIA LIMA TEODULINO

CORDEL: INSTRUMENTO PARA O FILOSOFAR

CAMPINA GRANDE – PB
2014

SÍLVIA MARIA LIMA TEODULINO

CORDEL: INSTRUMENTO PARA O FILOSOFAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dr^a Maria Simone Marinho Nogueira.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

T398c Teodulino, Sílvia Maria Lima.

Cordel: instrumento para o filosofar [manuscrito] / Sílvia Maria Lima Teodulino. - 2014.
38 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Seleção, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira,
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Literatura de Cordel 2. Filosofia 3. Cultura popular 4.
Educação. I. Título.

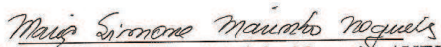
21. ed. CDD 398.5

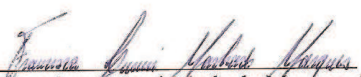
SILVIA MARIA LIMA TEODULINO

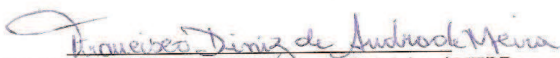
Cordel: instrumento para o filosofar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 07/03/2014.


Prof.^ª Dr.^ª Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Orientadora


Prof.^ª Ms. Francisca Luseni Machado Marques / UEPB
Examinadora


Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Comemorar... Pratico sempre este verbo e em primeiro lugar comemoro a Deus pela vida e por essa oportunidade de construir um conhecimento a mais, pela sua graça. Comemoro pela intercessão de Maria Santíssima e pelos ensinamentos espirituais de Pe. Adone que me estimularam ao bem viver com amor e união.

Concluir este trabalho é ver o resultado de uma experiência construída com constantes orações, aulas, escritos e pessoas queridas. Aqui comemoro pelos meus pais, Maria e Biu, anjos que me acolhem, iluminando meus caminhos para frente, sempre.

Quem marca sua história neste trabalho é o meu amado esposo, homem presente que me faz sentir amada e protegida por um laço matrimonial duradouro, forte e envolto aos olhos divinos e meus filhos e netos que são razões inspiradoras para o que faço. Comemoro pelos meus/minhas irmãos e todos os familiares que compõem a base segura da minha caminhada.

Outro anjo que destaco! Eis A profa. Simone (nossa Simone), orientadora deste trabalho. Comemoro minha estimada e linda professora que se tornou amiga, que me educou – pela parceria na construção deste trabalho – que me ensinou a realidade de uma orientação – e, principalmente, pela sua competência. Louvado seja Deus pela oportunidade de ser sua aluna!

Comemoro, pelos anjos amigos-irmãos, cujos caminhos se cruzaram com o meu. Que maravilha poder citar Patrícia, Roberta, Alex, Isaque, Kátia e Katia, Davi, Márcio, Tadeu, Ju, Aninha, Amanda, Lauro, Beth, Willy... e comemoro por amizades tão férteis. Um forte abraço a cada um(a)!

Aqui comemoro por todos os professores deste curso de Filosofia, que doaram os seus conhecimentos para que pudéssemos trilhar com intensidade os nossos caminhos. Este ponto comemorativo não estará completo se não expressar minha gratidão aos anjos Alberto e Betânia que trouxeram consigo bons estímulos para a minha vida.

Enfim, comemoro e louvo por esta conquista e anseio que venham outras oportunidades para comemorar!

DEDICATÓRIA

Para Dona Maria e Seu Biu, pelos exemplos de sabedoria e vida.

RESUMO

O presente trabalho buscou o Cordel como instrumento para as aulas de Filosofia nas salas de aula do Ensino Médio das escolas públicas brasileiras. Constitui-se da análise, considerando aspectos em torno da filosofia e da Literatura de Cordel em que se revelam folhetos produzidos pela ocasião do referido estudo, a saber: Alceste, Da Tranquilidade da Alma, Diga sim à vida, Filosofia Antiga - em anexo. Para tanto, observa-se o currículo e a obrigatoriedade do Ensino da disciplina Filosofia para o ensino Médio nas escolas públicas brasileiras, considerando ainda a presença do Cordel como instrumento para o professor nas suas salas de aula. Parte-se da hipótese de que aspectos metodológicos no qual se pede para as aulas de Filosofia são observados em folhetos que buscam um encontro fecundo entre o cordel e a Filosofia, compreendendo a obra em cordel como forma de ação filosófica desencadeada pela performance fomentando o gosto pela Literatura de cordel nas aulas de filosofia e desta com o sentido do filosofar.

Palavras-chave. Literatura de Cordel. Filosofia. Ensino Médio. Educação.

ABSTRACT

The present work investigates the Twine as an instrument for the Philosophy lectures in classrooms of Middle School of Brazilian public schools. It is the analysis, considering aspects around the philosophy and Literature of Twine in that reveal leaflets produced by occasion of the above study, namely: Alceste, The Tranquility of Soul, Say yes to life, Ancient Philosophy - in Annex. For both, it was noted that the curriculum and the obligation of the Teaching of Philosophy to discipline in the schools public Brazilian, still considering the presence of Twine as an instrument for the teacher in their classrooms. It is assumed that methodological aspects in which it asks for the classes of Philosophy are observed in leaflets that seek a fruitful encounter between the string and the Philosophy, understanding the work in twine as form of philosophical action triggered by performance by fostering the taste by cordel Literature in philosophy lectures and this with the sense of philosophizing.

Keywords. Cordel Literature. Philosophy. Middle School. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	
2. Em volta da Literatura de Cordel	10
2.1 Cordel, um pouco de história.....	10
2.2 Um novo olhar para o cordel brasileiro.....	12
CAPÍTULO 2	
3. O ENSINO DE FILOSOFIA E SUA VOLTA AOS CURRÍCULOS DO ENSINO MÉDIO.....	14
3.1 Em busca de uma estratégia adequada para harmonizar os versos do cordel e a filosofia.....	20
3.2 O diálogo: proposta de uma boa relação	24
CAPÍTULO 3	
4. AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A FILOSOFIA E O CORDEL.....	26
4.1 Reflexões sobre o cordel como instrumento no ensino de Filosofia em um texto de cordel.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6. REFERÊNCIAS.....	36
7. ANEXOS	38

1 INTRODUÇÃO

Os folhetos de Cordel vêm se firmando como objeto de pesquisa acadêmica devido à variedade e conteúdos sociais com os quais os autores se propõem a trabalhar. Dentre os vários temas encontrados nos folhetos de cordel estão em evidência os que buscam resgatar a vida hodierna do povo nordestino, seus problemas e temas relacionados à questão de gênero.

A professora Rosa Régis Ramos da Silva traz como uma característica em suas produções, a história da filosofia, que chega a se encontrar com um público muito importante: o estudante do Ensino Médio das escolas públicas brasileiras. Teria a referida autora um interesse em se comunicar com mais sutileza ao seu público-leitor nas salas de aula de Filosofia? É possível uma relação da Filosofia com o Cordel? Em busca de responder estas questões, foi escolhido o cordel intitulado “Filosofia em Cordel” da referida autora. Busca-se pela análise-interpretação, justificar a citada escolha que coloca a história da Filosofia de maneira simplificada. Propõe-se também, uma discussão sobre o cordel enquanto instrumento para as aulas de Filosofia no Ensino Médio visto a obrigatoriedade da inclusão da disciplina Filosofia nos currículos.

Este trabalho é fruto do projeto Cordel: Instrumento para o filosofar do Programa/Projeto de Extensão proposta pela Pró-Reitoria de Extensão e ações comunitárias (PROEAC), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) no ano de 2012/2013. Oportunidade em que ocorre, também, a junção de duas experiências com o cordel nas salas de aula por meio do Programa .. Programa Nacional de Inclusão do Jovem.- PROJOVEM - e do Centro de Atenção à Criança e ao Adolescente (CAIC) -José Joffily, áreas de análise e atuação profissional que desenvolvemos como docente dessa instituição de ensino Público na cidade de Campina Grande-PB, nesse mesmo período.

Com esse propósito, o trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado: Em volta da Literatura de Cordel traz considerações sobre o que é Cordel, mostrando como no decorrer da história os conceitos se repetiram, porém, agora é posto com um novo olhar crítico na visão do autor Aderaldo Luciano. “O ensino de filosofia e sua volta aos currículos do ensino médio” é o título do segundo capítulo. Nele há um debate sobre a obrigatoriedade do Ensino de Filosofia e o centro desse capítulo é a volta dessa disciplina aos currículos da escola. O terceiro e último capítulo se denomina “As possíveis relações entre a filosofia e o cordel” após marcos teóricos estabelecidos, centrados nos posicionamentos da Professora Maria Lúcia A. Aranha sobre a sua experiência no Ensino Médio é apresentado um

novo olhar sobre o Cordel por Aderaldo Luciano, mostrando, em especial, marcos da sua evolução. É desenvolvida ainda a perspectiva do Cordel nas salas de aula de Filosofia no Ensino Médio trazendo essa relação desde Homero até as constatações do educador Paulo Freire para com a relação professor-aluno.

2 EM VOLTA DA LITERATURA DE CORDEL

2.3 Cordel, um pouco de história

“Cordel quer dizer barbante
Ou senão mesmo cordão,
Mas cordel-literatura
É a real expressão
Como fonte de Cultura
Ou melhor, poesia pura
Dos poetas do sertão. [...]

O chamado trovador
Ou poeta popular
Era semi-analfabeto
Porém sabia rimar
Sem folhetos escrevia
E os sertanejos os liam
Por ser o seu linguajar. [...]

O cordel é dividido
Escrito, cantado, oral,
Porém o cordel legítimo
É aquele tipo jornal,
Que trazia a notícia nova
Em sextilhas,
Nunca em trova
Que agrada o pessoal. [...]

O cordel sendo cultura
Hoje tem sua tradição,
Chamado literatura

Veículo de educação
Retrata histórias passadas
Que estão documentadas
Para toda geração¹”.

O termo “Literatura de Cordel” teve origem em Portugal que veio por ocasião de sua exposição em um pequeno barbante nos lugares onde eram vendidos. Desde a década de 90 esse termo “Literatura de Cordel” é reforçado com entusiasmo, pois este enquanto literatura toma assento nas academias brasileiras, e torna-se causa de estudos pelos pesquisadores. Apolinário (2007) assevera que:

Em meados do século XII na Europa Feudal, vivendo sob o regime de suserania e vassalagem, o vassalo era preso à terra e só podia sair dela por motivo de guerra ou peregrinação religiosa. E é no caminho as terras santas que surge a poesia popular oral. Para Luyten (1985) foi nos vilarejos próximos a Jerusalém, Roma e Santiago de Compostella que narrando a peregrinação, surgiram os primeiros poetas populares. Mais conhecidos como trovadores, os poetas e suas rimas se espalharam pela Europa. Mais tarde, em meados do século XV, com a necessidade de pôr essas poesias no papel para que pudessem chegar as mais longínquas terras, surgem a “Literatura de Colportage” e o “Chapbook”, respectivamente na França e na Inglaterra, e na Península Ibérica, os “Pliegos Suelos” (Espanha) e as “Folhas Volantes” ou “Literatura de Cordel” (Portugal) – pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante para serem vendidos (BATISTA, 1997 apud APOLINÁRIO, 2007, p. 2).

Que o termo “Literatura de Cordel” veio lá de Portugal, isto é evidente. Sendo assim, a literatura de cordel chega às terras brasileiras e é tida hoje como uma produção de linguagem típica da região nordeste brasileira e tem sido pesquisada por estudiosos que se debruçam sobre os personagens, as rimas e grande variedade de temas abordados por esta literatura popular. No final do século XIX e início do século XX, a literatura de cordel brasileira, no seu ápice, é desconstruída por um folclorista chamado Sílvio Romero², que afirmava que o folheto de cordel estava sumindo por consequência da chegada de jornais no interior do país (LUYTEN, 2005, p.7). Porém, após a década de 1930, novos pesquisadores deram continuidade ao que Sílvio Romero constatou só que agora era por causa do rádio e, logo mais, pela televisão que estaria se dando a extinção do cordel.

¹ Estrofes retiradas do folheto *Origem da Literatura de Cordel e a Sua Expressão de Cultura Nas Letras de Nosso País*, de Rodolfo Coelho Cavalcante.

² Sílvio Romero (S. Vasconcelos da Silveira Ramos R.), crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira.

Apesar disso, hoje se pode apreciar a literatura de cordel, através de cordelistas que ocupam um lugar na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), donos de obras em folhetos de cordel que retratam a vida do nosso povo, mas também de autores anônimos que difundem o encanto dessa poesia e ajudam a enaltecer a cultura popular, bem como “renová-la” como nos diz o cordelista Manoel Monteiro³.

A história do Cordel no Brasil, segundo Pinheiro (2001), surge como poesia popular em verso que relata fatos da vida do seu povo, pois esses folhetos de cordel e o rádio eram os meios pelos quais se tinham as informações, principalmente nas famílias pobres e semi-analfabetos da região nordeste.

O berço da Literatura de Cordel no Brasil como afirma Lira (2004), surgiu em 1865 quando nascia Leandro Gomes de Barros⁴ no estado da Paraíba. O quadro nessa época era de contendas familiares, cangaceiros etc., mas também, com uma grande variedade de poetas e cantadores da cidade de Teixeira. Dessa maneira, Leandro começa a deixar seus folhetos baseado na sua vivência na Serra de Teixeira, isso por volta de 1889. O estado da Paraíba possui dois grandes centros de cordelistas que são as cidades de Campina Grande e Patos.

2.2 Um novo olhar para o cordel brasileiro

No Brasil, o que se percebe é a formação de um sistema diferente que Aderaldo Luciano (2012) chama de “um novo olhar sobre o cordel brasileiro”, já que nos últimos 40 anos, em sua opinião, os estudos sobre a origem do termo Literatura de cordel caem em sucessivas repetições. Logo, assevera o estudioso:

De como e quando, exatamente, a poesia popular fixada em folhetos passou a ser chamada Literatura de Cordel não há pistas conhecidas. Possivelmente a expressão surgiu e vingou através dos estudiosos que passaram a interessar-se pelos poetas dos folhetos, conhecedores por sua vez da produção lusa da mesma categoria quanto ao consumo popular e à apresentação gráfica. (PEREGRINO, 1984, p. 18-19).

³ É o maior representante do chamado *Novo Cordel* do nosso país e o mais importante cordelista brasileiro em atividade, com uma produção densa e diversificada, abarcando toda a área da atividade humana.

⁴ O primeiro cordelista brasileiro Leandro Gomes de Barros nasceu na cidade de Pombal, PB. Quando criança até seus quinze anos, Leandro conviveu com os poetas populares de Teixeira, cidade do sertão da Paraíba.

Daí, o referido autor passeia por vários estudiosos que comungam do mesmo pensamento histórico sobre a origem da Literatura de Cordel. Ao caminhar em busca do ponto culminante da sua pesquisa, Luciano faz uma *distinção entre o popular e o erudito*, porém deixa evidente que o mais importante não é fazer essa distinção, pois o termo Literatura de Cordel é o foco. Para Luyten (apud LUCIANO 2012, p. 17), “Em todas as sociedades, porém temos sempre elementos dominantes e dominados, elite e povo, nobres e plebeus. Como conseqüência, uma visão frequentemente diferente a respeito das mesmas coisas”. Portanto, a poesia não tem dono, está presente nos mais diversos lugares em diversas classes sociais... Ela, por sua vez, não se classifica, nem pode ser classificada.

Luciano faz uma repetição de uma citação de sua tese de mestrado intitulada *Literatura de Cordel: uma poética para os heróis degolados* e nos diz que:

Muitos estudiosos confundem a poesia dos cantadores repentistas nordestinos com a Literatura de Cordel. Como que sejam irmãs. E como todos os irmãos, sejam, também, diferentes. Os poetas cordelistas raramente são repentistas ou glosadores. São poetas da letra, conhecidos como poetas de bancada, sofrendo inclusive algum preconceito por parte daqueles. O repente é obra de momento, é construção oral cuja maior característica é ser efêmero, fruto do improviso. Daí porque são famosos os desafios e peijas, nos quais dois cantadores se debatem em criações e trava-línguas, em perguntas e respostas. O Cego Aderaldo gabava-se de nunca ter perdido um verso. Nenhum cantador que se preze escreverá seus versos para depois os decorar, cantando-os memorizados. Cantar com versos decorados é uma desfeita, uma aberração causadora de constrangimentos e agressões. O verso cordeliano, ao contrário, é fruto do trabalho, da elaboração. É o mesmo trabalho beneditino da Profissão de Fé de Olavo Bilac (LUCIANO, 2003, pp. 48-49)

Dessa forma, o autor demonstra as diferenças nas poesias e discute, dentre outras coisas, o fato de a sextilha do cordel não ser a mesma da cantoria, por exemplo. Por fim, eis o marco da criação do cordel que Aderaldo Luciano nos aponta, qual seja, por volta do ano de 1902 que se tinha conhecimento do folheto mais antigo: “A força do amor, a história de Alonso e Mariana, de Leandro Gomes de Barros, reproduzido em fac-símile no tomo V da Antologia de Literatura Popular em verso da casa Rui Barbosa [...]” (LUCIANO, 2003, p. 77).

A Literatura de Cordel envoltas na história do nosso povo teve seus momentos marcantes e muitas vezes abandonados, mas como a cultura é um termo que por si já fala e ecoa bravamente, o ensino de Filosofia vem também nas suas idas e vindas deixando sinais de lutas em alguns momentos da nossa história nos quais perseveraram nos dias hodiernos nas nossas salas de aulas. Sendo assim, e antes de continuarmos a nossa abordagem sobre o cordel, falemos um pouco da volta da Filosofia nos nossos currículos.

CAPÍTULO 2

3 O ENSINO DE FILOSOFIA E SUA VOLTA AOS CURRÍCULOS DO ENSINO MÉDIO

O ensino de Filosofia no Brasil sofreu um grande golpe durante o governo militar. A reforma do ensino secundário, que foi implementada pela lei Nº 5.592/71, trouxe drásticas consequências para a educação brasileira. A degradação ocasionada por esse ato pode ser observada principalmente nas escolas públicas em todo país.

A necessidade de profissionais habilitados em áreas técnicas fez com que o governo implantasse o ensino profissionalizante, atendendo assim as exigências do acordo estabelecido entre o Brasil e os Estados Unidos da América, o Ministério de Educação e Cultura e a Agência para o Desenvolvimento Internacional (MEC-USAID). Pela falta de um planejamento que atendesse a realidade do Brasil, esse tipo de ensino fracassou, ou seja, as metas não foram cumpridas. A falta de um planejamento resultou em uma drástica queda na qualidade do currículo, onde foram inseridas as disciplinas: Educação Moral e Cívica e Organização Social e política do Brasil, que interessavam ao regime como o civismo e problemas brasileiros.

Com o pretexto de que estas disciplinas eram essenciais para a “[...] formação do cidadão consciente” (ARANHA, 1993, p.113). O resultado dessas ações foi a diminuição do horário nas disciplinas como: Língua portuguesa, Literatura, História e Geografia, pondo um fim no ensino de Filosofia. As escolas públicas ficaram visivelmente fragilizadas com a reforma que ocasionou resultados negativos, os quais se verificam principalmente nos dias atuais.

A luta dos professores da área foi árdua e após 25 anos a filosofia retoma seu lugar, e sua consolidação em julho de 2006, quando a Câmara de Educação Básica do Conselho de Educação (CNE), finalmente aprovou um parecer definitivo que estabelece a Filosofia e a Sociologia como componentes obrigatórios no currículo do ensino médio.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que prevê a obrigatoriedade dos alunos no Ensino Médio a terem conhecimentos na área de Filosofia e Sociologia, no intuito de estabelecer e fornecer aos estudantes noções necessárias para o exercício da cidadania. Porém, não definiu a inclusão dessas disciplinas nos currículos, ou seja, abriu-se

um leque para interpretações que se dá, preferencialmente, pelas Secretarias Estaduais de Educação. O dilema está em possíveis diferenças nos estados que compõem a federação, não há uma unificação dos conteúdos. Esse erro fez com que o Conselho Nacional de Educação - CNE tentasse reparar o fato, estipulando o prazo de um ano para que as escolas das redes públicas e também privadas possam ajustar o currículo.

As consequências dessa falta de definição dos currículos fizeram surgir problemas de ordem metodológica. A pergunta que nos surge constantemente é: Como ensinar Filosofia? A possível resposta que damos a essa questão é: adaptando-nos a realidade que está a nossa volta. Sabemos que os desafios são muitos, mas a Filosofia traz um conceito não para o ensino, mas, para a liberdade. A Filosofia nos dá a possibilidade da dúvida, de um reencontro do homem consigo e deste com a natureza e sua essência.

Pensando que a Filosofia é um constante turbilhão de inquietações, uma prova disso é sua origem, o próprio Aristóteles mostra-nos como os primeiros filósofos começaram a se questionar e, a partir daí, passou a haver várias especulações e questionamentos por vários filósofos sobre os princípios que regem o mundo. Nasce então a Filosofia a qual não podemos atribuir uma origem exata, simplesmente por não existir.

É por essa maneira de perceber as coisas existentes, de enxergar o mundo de uma nova perspectiva e, por fim, de entendê-lo na sua totalidade, que a Filosofia insere-se nas vidas dos homens e por muitos é considerada a ciência mãe de todas as ciências.

Assim, se entende a Filosofia como um pensamento mais profundo, algo intrinsecamente inerente ao homem, ou seja, alcançável a todos aquele que de forma mais reflexiva possa abstrair as questões mais complexas. Então se compreende também como a Filosofia pode contribuir efetivamente para um ensino que desperte o pensamento crítico e criativo. Um desafio é o de como ela pode retomar sua importância, não somente nas escolas, mais principalmente na vida das pessoas. Sabemos que o próprio ato de filosofar ou fazer Filosofia não é um simples pensamento racional, pois deve possuir uma profundidade, para atingir o íntimo daqueles que por ventura venham a conhecê-la.

Nessa linha de pensamento segue-se um caminho baseado em vivências daqueles que tem experiência e tiveram um contato mais próximo com a Filosofia, enquanto disciplina curricular. São exemplos que podem conduzir a prática do ensino em sala de aula, fomentando nas pessoas a criticidade em relação aos fatos que as rodeiam.

A Filosofia, portanto, deve proporcionar aos estudantes, principalmente nas escolas públicas, um novo olhar, com um sentido que podemos definir como um enxergar com outros olhos, além daquilo que nos parece tão real, e mais ainda aquelas coisas que nos passam despercebidas.

O que vem a fortalecer nesse sentido é o depoimento de quem viveu ensinar Filosofia, e a professora Maria Lúcia Aranha (1993, p.118), nos diz: “O ensino da filosofia supõe um compromisso com a vida, para que se possa recuperar, em um mundo por demais pragmático, o que os gregos já chamavam de capacidade de admirar-se, ou seja, do espanto diante do óbvio, do corriqueiro, das certezas sedimentadas”.

Corroborando com estes mesmos ideais, sente-se a necessidade desse processo de modificação no despertar do senso crítico, e é preciso que através do professor a Filosofia cumpra com seu papel de sensibilizar o ser humano, ao ponto de ele não deixar de espantar-se diante das coisas que nos parecem tão banais e que muitas vezes nos faz achar a vida sem sentido, por não encontrar a tranquilidade da alma como poderemos ver no cordel, em anexo, sobre o filósofo Sêneca.

Assim sendo, ao relacionar filosofia-cordel queremos mais uma vez acentuar as colocações da professora Maria Lúcia Aranha que relata em seu trabalho que há vários procedimentos que podemos utilizar para que os alunos entendam tudo aquilo que a Filosofia pode lhes proporcionar e aponta:

A leitura e análise de texto é outro procedimento indispensável à iniciação filosófica. Bem sabemos que aí se encontra uma dificuldade do professor, diante da desvantajosa competição com os meios de comunicação de massa, já que o trabalho para se apropriar de um texto não exerce o mesmo fascínio da imagem e está muito distante da habitual “consciência flutuante” do expectador de tevê. Um bom recurso é começar com textos mais acessíveis, de acordo com o nível dos alunos, usando desde artigos de jornal, poesia, crônicas, intercalados com trechos de ensaios filosóficos, até que estes possam predominar sobre os primeiros. A escolha dos textos deve ter em vista o cuidado de nunca nivelar por baixo, já que a aprendizagem supõe esforço para a superação de dificuldades. A persistência nesse caminho fará com que o aluno descubra que o prazer da leitura muitas vezes se encontra no término do processo, ou seja, o esforço para entender algo que de início é complicado ou desinteressante pode vir a ser recompensador no final (ARANHA, 1993, p.122).

É sabido através de alguns pressupostos que na relação professor-aluno existem algumas dificuldades como o diálogo e o currículo, que precisam ser mais discutidos, pois a escola hodierna não é mais o único lugar de acesso ao conhecimento e à construção deste. A modernidade dentro da escola encontra muitas vezes dificuldades para poder transmitir e

formar indivíduos, por haver uma enorme concorrência entre a sala de aula e o mundo extra-sala, pois, muitas vezes, a escola não acompanha o progresso veloz que constatamos e não temos a oportunidade de recorrer a recursos ora importantes para o desempenho integral dos estudantes, pois ainda não temos a tecnologia mínima para oferecer à comunidade escolar para que possa haver uma boa discussão. Diante dessas constatações, a afirmação de Libâneo (1994, p.53), “[...] o currículo expressa os conteúdos da instrução, nas matérias de cada grau do processo de ensino” reforça a problemática do currículo nas aulas de filosofia do Ensino Médio. Por ser o termo currículo algo recente no nosso vocabulário, Sacristán (2000, p.15) a respeito dessa questão afirma que: “[...] quando definimos o currículo estamos descrevendo a concretização das funções da própria escola [...] O currículo do ensino obrigatório não tem a mesma função que o de uma especialidade ou de uma modalidade de ensino profissional [...]”.

Para este autor, o modelo de currículo que é apresentado reflete uma preocupação em tornar real a obrigação de oferecer aos seus alunos e professores um modelo adequado para a realização de um ensino que envolva todos num processo de identificação com a vida e o comportamento real de cada um faz parte de cada estrutura curricular, pois:

Não podemos esquecer que o currículo supõe a concretização dos fins sociais e culturais, de socialização, que se atribui à educação escolarizada, ou de ajuda ao desenvolvimento, de estímulo e cenário do mesmo, o reflexo de um modelo educativo determinado, pelo que necessariamente tem de ser um tema controvertido e ideológico, de difícil concretização num modelo ou propósito simples (SACRISTÁN, 2000, p.15).

Na maioria das situações observam-se modelos de currículos rebuscados e, longe de serem vistos como caminho para uma boa relação professor-aluno, ao contrário, deixa um convite a dúbias conclusões e até mesmo nota-se uma exclusão de itens como: o debate sobre o ensino de filosofia no ensino médio, que transforma esta disciplina numa simples obrigatoriedade.

O ensino de filosofia poderia ser “simples”, na visão de Sacristán, pois trata de uma proposta de fazer com que disciplinas obrigatórias como Sociologia e Filosofia sejam introduzidas nos currículos de um modo inclusivo, ou seja, que também contenham a história de vida de cada um. Pensando desta maneira, busca-se o cordel como instrumento para o professor, pois este já nasce de uma história que vem dos fatos da vida do seu povo.

Mesmo assim, basta se pensar na palavra currículo que se tem um posicionamento questionador e provocativo no que tange principalmente o ensino da Filosofia no ensino

médio, já que esta passou por momentos indecisos dentro dos programas propostos para o ensino médio e, portanto, fica claro que o currículo, quando bem definido, nos dá uma visão de construção do mesmo, explicitando por que, para que, e com que se pode recorrer a currículos como um aliado no processo educativo.

Quando Bobbitt escreve, em 1918, o livro intitulado *The Curriculum*, este serve de marco no estabelecimento do currículo como campo especializado de estudos. Nesse livro, Bobbitt (apud SILVA, 2011, p.22), quais devem ser as finalidades da educação e ele pergunta: “Ajustar as crianças e os jovens à sociedade tal como ela existe ou prepará-los para transformá-la; a preparação para a economia ou a preparação para a democracia?” Com essa indagação se vê uma preocupação com os currículos que surgiriam na história da educação, dando embasamento para suscitar em outros estudiosos a ideia de currículo.

Em 1902, John Dewey escreveu um livro com o título *Currículo*. Neste livro ele preocupava-se com a construção da democracia, pois sugeria que: Quando se concebe a educação no sentido da experiência: tudo o que pode se chamar estudo, seja aritmética, história, geografia ou uma das ciências naturais, deve ser derivado de materiais que a princípio caiam dentro do campo da experiência vital ordinária (DEWEY apud SACRISTÁN, 2008, p. 42).

O problema colocado por Dewey é o de como introduzir as diversas realidades com os conteúdos a serem desenvolvidos, e isto demonstra que devemos, sim, nos preocuparmos em termos objetivos bem definidos quando se tratar do interesse do aluno.

Bobbitt (1918) que tinha como objetivo, com o seu modelo de currículo, o funcionamento da economia com “eficiência”, pois seguia o exemplo de Frederick Taylor (que pretendia um currículo voltado para as fábricas) e, o que Bobbitt (apud SILVA, 2011, p.24), queria na verdade era mapear as habilidades adequadas a cada ocupação e, sendo assim, construir um currículo condizente com o seu pensamento observando que: A tarefa do especialista em currículo consistia, pois, em fazer o levantamento dessas habilidades, desenvolver currículos que permitissem que essas habilidades fossem desenvolvidas e, finalmente, planejar e elaborar instrumentos de mediação que possibilitassem dizer com precisão se elas foram realmente aprendidas.

Portanto, para Bobbitt, a questão do currículo é dada como finalidade para um modelo proposto por ele em “que a escola funcionasse da mesma forma que qualquer outra empresa

comercial ou industrial” (BOBBITT apud SILVA, 2011, p.23). Este modelo de currículo tem um propósito de organização puramente mecânico e o especialista um papel unicamente burocrático. Para a nossa realidade essa questão é transformada numa outra: a organização deste currículo para o ensino de Filosofia no Ensino Médio. Na verdade esse tema continua sendo discutido, pois existe uma preocupação em ter um currículo bem organizado e definido para esta disciplina.

A Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE), mais precisamente em julho de 2006, concede um parecer para que a Filosofia e a Sociologia retornem aos currículos do Ensino Médio, tornando-as disciplinas obrigatórias, pois com a Reforma Tecniciста⁵ em 1971 estas disciplinas foram expulsas pelo Regime Militar⁶ dos currículos, sendo substituídas por outras disciplinas, como já dissemos.

Diante dessa situação, surge um problema nos currículos que trata da dificuldade do que ensinar nas salas de aula de filosofia do Ensino Médio e, para tanto, aparece os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1999. Porém, os PCNs não fazem menção aos conteúdos, mas registram as habilidades e competências a serem desenvolvidas nos alunos.

As orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais de 2002 dá uma “luz” a essa situação, convidam a uma sugestão com temas filosóficos, deixando livre⁷ o professor para a escolha destes temas e, assim, pode tentar definir seu programa de ensino.

Por fim, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio de 2006, fizeram uma opção baseada na história da filosofia, dando uma lista de tópicos bem articulados historicamente, e deixa também a livre escolha para o professor organizar seu trabalho.

A disciplina de filosofia no Ensino Médio não deve ser incluída nos currículos apenas para dar informações sobre a história da filosofia, mas para suscitar nos jovens um pensar autônomo, crítico e reflexivo, na qual a mesma servirá apenas de “pano de fundo” para se problematizar democraticamente os “conceitos” impostos sem a especificidade da Filosofia

⁵ O tecnicismo, verticalmente imposto pela lei 5.692/71, fez surgir, em 1982, a lei 7.044, que abriu novamente a possibilidade para a volta da filosofia nas escolas, segundo critérios delas próprias. <http://www.mundofilosofico.com.br>

⁶ O Regime Militar é instaurado pelo golpe de estado de 31 de março de 1964 e estende-se até a Redemocratização, em 1985. O plano político é marcado pelo autoritarismo, supressão dos direitos constitucionais, perseguição policial e militar, prisão e tortura dos opositores e pela imposição de censura prévia aos meios de comunicação.

⁷ No sentido de proporcionar um currículo flexível e condizente com as dificuldades e necessidades do contexto escolar no qual o professor está inserido.

que é a reflexão. Essa problematização significa uma flexibilidade e uma disponibilidade para um diálogo entre as partes: professor e aluno, no qual esses “conceitos” sejam repensados e criticados.

Discutiremos também esse diálogo com o propósito de um desfecho em que esse binômio currículo/diálogo nos conduzirá a um pensamento para a liberdade e o entendimento do que venha a ser uma relação baseada na confiança e no desejo de crescimento mútuo, visto que estamos caminhando com o propósito de buscar alternativas que proporcionem um olhar que no mínimo se desejem um objetivo no qual satisfaçam as partes envolvidas nessa busca por um ensino de filosofia que fortaleça a interação com outras culturas. Nesse sentido buscaremos uma harmonia em que a filosofia e o cordel sejam aliados na busca do filosofar.

4 EM BUSCA DE UMA ESTRATÉGIA ADEQUADA PARA HARMONIZAR OS VERSOS DO CORDEL E A FILOSOFIA

Em cada momento histórico a comunicação entre as pessoas se dá em níveis diferentes e o processo educativo e a aprendizagem também, pois a interação entre os seres humanos é um processo educativo, na medida em que na convivência com o outro se nota uma ideia de educar/educando-se.

Na relação professor-aluno, o professor não deve ser o único detentor do saber, pois o educando aprende e constrói seu conhecimento de maneira que a sua relação com o educador é dada de maneira favorável a uma relação de recíproco respeito. Na afirmação do educador Paulo Freire ele constata que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p. 96).

Desse modo, Freire acredita que a relação entre professor e aluno não acontece de uma forma unilateral, mas, ao contrário. Deve sim existir uma relação de respeito em que seja percebido entre ambos uma intercomunicação bem estruturada e pautada em valores recíprocos. Para Freire também essa relação precisa ser criada entre o professor e o aluno, pois, para ele, é dessa forma que é possível para o professor realizar seu trabalho e que possa

trazer realmente uma mudança na aprendizagem, no conhecimento e, conseqüentemente, na vida dos seus alunos.

Para o autor, o diálogo é a melhor forma de o professor e o aluno resolverem problemas surgidos na relação, pois é com o diálogo que os sentimentos de respeito e autoridade, que são necessários no contexto escolar, são também restabelecidos e, certamente, se consegue conviver num processo de aprendizagem amigável e proveitoso para ambos e ainda diz que:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples roca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1987, p.79).

O professor ao se colocar como aquele que também deseja aprender, instiga o seu aluno a ser investigativo, a ser um curioso, sem medo de errar e acima de tudo sem encontrar dificuldades por parte do professor porque, “[...] como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 1996, p. 85).

Porém, é nesta perspectiva que o diálogo, na relação professor-aluno, faz com que os aprendizes se permitam a uma contínua construção do conhecimento, pois essa proposta de diálogo revela-se de forma essencial e está horizontalmente bem colocada e democraticamente bem instruída, em que os interessados sentem-se envolvidos e necessários nesse processo de aprendizagem, no qual não existe vencedor, nem certo e errado, mas deve existir sim uma ação reflexiva, harmoniosa e envolvente.

Sendo assim, essa ação dialógica em que ouvir o outro é importante num vai e vem de perguntas e respostas, deixa evidente que não existe uma só verdade, para ele,

[...] ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando com o sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve desvelar (FREIRE, 1996,p118-119).

Corroborando com Freire, Libâneo (1994, p. 250), acrescenta que “[...] o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos”.

Consequentemente, existe de fato uma expressividade e uma variedade de respostas suscitada de uma atitude dialógica.

Nesse sentido, acredita-se que quando o professor se abre para se colocar na posição daquele que também é um aprendiz e procura aprender com a experiência daquele outro aprendiz, aí de fato está acontecendo uma atitude livre e recíproca, caminhando para uma educação para a vida e vida com democracia. A relação que fazemos entre currículo e diálogo no ensino de Filosofia do Ensino Médio são importantes para que a nossa reflexão chegue ao “término” - neste texto.

Ao falar do currículo e a relação professor-aluno nas aulas de Filosofia no Ensino médio, entendemos que o currículo precisa de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções voltadas para o processo educativo.

No caso específico da disciplina de filosofia, é necessário que esse conjunto de esforços pedagógicos se dê a partir do esforço do professor (a) ao utilizar o currículo existente de maneira condizente com as diversas realidades, em uma sala de aula, visto que o processo educativo muitas vezes passa pela relação de poder que verdadeiramente impede que exista um diálogo pertinente para que o desvelar da construção do ato de filosofar seja uma relação em que só um impõe e o outro aceita, numa hierarquia no qual é priorizado um só saber, porém, não deixando ecoar as vozes daqueles (alunos) que são tão dignos quanto estes (professores) que se dizem saber mais.

É necessário, pois, que o professor de Filosofia sinta-se um protagonista do currículo para que ao exercer seu papel, seja capaz de promover democraticamente a forma de introduzir seu aluno num mundo em que não exista saberes prontos, sem flexibilidade, mas saberes capazes de se expandir através das vozes ecoantes de um grupo em sua alteridade, utilizando-se de estratégias ousadas, mas condizentes com o que se pretende alcançar. Dessa forma, a Literatura de Cordel surge como possibilidade de tornar a Filosofia mais desafiadora e instigante, já que para o professor, recorrer a novas estratégias lhes dará sempre uma resposta no mínimo tentadora diante das adversidades encontradas numa sala de aula.

Um dos questionamentos verificados e que muito se defendeu é o fato de que a filosofia tem um importante papel na construção da cidadania, visto que esta disciplina tem

uma especificidade própria, na qual ajuda o indivíduo a perceber-se e perceber a realidade em que vive e, assim, definindo-se em um lugar no mundo e,

Tendo deixado de ser obrigatória em 1961 (Lei no 4.024/61) e sendo em 1971 (Lei nº 5.692/71) excluída do currículo escolar oficial, criou-se um hiato em termos de seu amadurecimento como disciplina. E embora na década de 1990 (Lei nº 9.394/96) se tenha determinado que ao final do ensino médio o estudante deva “dominar os conteúdos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (artigo 36). (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, v.3, p.16).

Sendo observado o papel da filosofia nos currículos, o professor desta disciplina também é essencial, pois como um educador-filósofo, possibilitará aos seus educandos uma tarefa que é: o pensar filosoficamente. Também pensando nessa inquietação e dificuldades em torno da disciplina de filosofia sobre a relação professor-aluno, o professor Roberto Goto (2009, p.95) faz a seguinte pergunta: “o que a filosofia ensina?”. Ao fazer esta indagação, o autor convida os professores aos desafios da contemporaneidade para que contemplem na formação dada aos seus alunos uma formação humana na sua totalidade. O professor de Filosofia deve ser um sujeito preocupado em tirar da alienação indivíduos e proporcionar condições para que estes respondam seus próprios questionamentos, tornando-se autores e atores da construção da sua própria cidadania, pois, “[...] um currículo de Filosofia deve contemplar a diversidade sem desconsiderar o professor que tem suas posições, nem impedir que ele as defenda”(orientações curriculares para o ensino médio, v.3, p.18).

A questão inicial, “o que ensina a filosofia?” nos chama a outra questão: o que é uma “boa” ou “má” relação professor-aluno? Muitas vezes o professor é podado na sua atuação em sala de aula por não dispor de uma cumplicidade por parte dos que também atuam no espaço educativo em que leciona. O que a maioria dos alunos deseja escutar quando surge um questionamento é uma resposta pronta e acabada para tudo ou quase tudo e, essa resposta, quando se trata mais especificamente da filosofia fica difícil de obter, pois “[...] essa demanda pela verdade corresponde à ambição de dizer as coisas, mais que pensar sobre elas...” (GOTO, 2009, p.97). Sendo assim, a procura por uma única verdade contradiz a pluralidade de respostas que a Filosofia propõe.

O que nos aponta Cerletti (2009, p.55) quando diz “ensinar a ensinar filosofia”, reforça a questão da relação professor-aluno dando espaço para refletir a grade curricular e, sobretudo, os conteúdos para os alunos do Ensino Médio, já que estes carregam um conhecimento prévio do que acontece no mundo fora do espaço minúsculo de uma sala de

aula. O que cada um traz de bom ou de ruim faz diferença na sua relação escolar e, muitas vezes, passa despercebido não somente pelo seu professor, mas por toda a comunidade em que se encontra inserido.

“Ensinar a ensinar filosofia” é muito mais que conteúdos programados. E, agora, ressaltamos o educador-filósofo Paulo Freire (1987, p. 83) quando nos diz: “Para o “educador-bancário”, na sua antidualogicidade, a pergunta, obviamente, não é a propósito do conteúdo do diálogo, que para ele não existe, mas a respeito do programa sobre o qual dissertará a seus alunos”.

Pois, desde que iniciamos a graduação em Filosofia, escutamos dos professores, corroborando com Cerletti (2009, p.80) e, portanto, reforçando, que “filosofar é atrever-se a pensar”. Então compartilhamos ideias através de vários textos clássicos que foram apresentados de modo, muitas vezes, impostos, isto é, sem nenhuma possibilidade de questionamento. Porém, estes textos, foram de grande importância para nossa formação filosófica. E, ao trazer para discussão esses textos clássicos, surgiu então o problema que também é abordado por Cornelli (2004) quando ele aponta que existe uma “recusa” em se trabalhar esses clássicos e que seria de extrema relevância para o professor de Filosofia do Ensino Médio pensar numa estratégia de ensino para poder utilizar esses textos, pois com currículos prontos, encontrados no sistema educativo, como introduzir de um modo prazeroso nas aulas de Filosofia textos tradicionais diante de realidades diversas? Vejo então a possibilidade de haver uma discussão em que o professor escute o universo dos seus alunos e só assim decidir com ele o quê, com quê e para quê estudar filosofia.

Acreditamos que essas questões serão pontos culminantes do futuro professor de Filosofia do ensino médio nas escolas públicas do nosso país, pois aquele, irá ser desafiado para que torne sua docência no mínimo, em termos de relacionamento com o aluno, agradável e coerente.

4.1 O diálogo: proposta de uma boa relação

Segundo Cornelli, (2004, p. 196) “[...] desde Platão a forma de diálogo tem sido usada como propedêutica à Filosofia”. O diálogo filosófico é ainda uma forma para se preservar

uma “boa” relação professor-aluno que nos atrevemos a chamar de *amizade filosófica*, contrária aquela aporia⁸ conhecida no método socrático.

O professor dos tempos hodiernos é um sujeito “[...] dialógico, crítico a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização dos homens” (FREIRE, 1987, p.83). Quando se fala em relação professo-aluno, vêm em nossas mentes todos os itens que possam ter afinidades com essa relação como: conteúdos, métodos, didática etc. Porém não gostaríamos de sair do foco, pois como citamos ao iniciar o texto, até agora fizemos um breve comentário baseado em discussões propostas por autores que tratam do ensino da filosofia de um modo amplo, mas trazendo vivências importantes para quem quer se tornar um professor (a) de filosofia.

Ao continuar nossas reflexões queremos evidenciar também o relato de quem viveu ensinar filosofia no Ensino Médio nas escolas públicas brasileiras. A professora Maria Lúcia Aranha⁹ diz que a filosofia, portanto deve proporcionar aos estudantes e, principalmente, aos que estudam nas escolas públicas do nosso país, um novo olhar com um sentido que podemos definir como um enxergar com outros olhos além daquilo que nos parece tão real, e mais ainda aquelas coisas que nos passam despercebidas. Portanto, o futuro professor de filosofia no Ensino Médio das escolas públicas brasileiras deverá sentir-se parte integrante desse processo de modificação do despertar crítico.

É preciso que através do professor de Filosofia, este possa cumprir seu papel de sensibilizar o ser humano, ao ponto de este não deixar de se espantar diante das coisas que nos parecem tão banais e que muitas vezes nos faz achar a vida sem sentido, pois, “[...] o filósofo não é alguém que se espantou uma vez e começou a filosofar, mas alguém que se espanta sempre” (GOTO, 2009, p.99).

Sendo assim, a questão da relação professor-aluno em sala de aula perpassa a questão sobre “o que ensina a filosofia?”, por exemplo, citada no início do texto, pois a formação do professor não inclui discutir essa relação, que é lamentável. Essa discussão se reduz a técnicas já bem elaboradas e certamente reproduzidas nas salas de aula que muitas vezes não têm espaço para o diálogo filosófico, em que haja uma relação recíproca do conhecimento em que,

⁸ O termo aporia deriva de poros (passagem) que deu a-poros (passagem difícil). Utilizado pelos pré-socráticos para designar uma situação comum difícil ou a destituição de Paros ou a adversidade.

⁹ Formada em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Lecionou para o Ensino Médio em escolas da rede pública e particular.

A cautela filosófica é ainda mais necessária nesse nível de ensino, no qual posturas por demais doutrinárias podem sufocar a própria possibilidade de diálogo entre a Filosofia e as outras disciplinas, cabendo sempre lembrar que as tomadas de posições, mesmo as politicamente corretas, não são ipso facto filosoficamente adequadas ou propícias ao ensino (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, v.3)

Enfim, é função do professor-filósofo propor um diálogo crítico visando possibilitar um encontro entre o sujeito e a filosofia para que surjam caminhos para as questões mais aceitáveis buscando novas ideias e com elas novas possibilidades possam surgir, tendo em vista a realização plena do seu ser, e sua harmonia com o mundo.

Deste modo, no presente capítulo, procuramos demonstrar algumas reflexões sobre essa relação professor-aluno. Até aqui foi feito um percurso que nos proporcionou uma visão não terminada sobre a questão proposta, por ocasião da obrigatoriedade do Ensino de filosofia no ensino médio. Portanto, apontamos adiante as possíveis relações entre a filosofia e o cordel que tanto almejamos neste caminho.

CAPÍTULO 3

5 AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A FILOSOFIA E O CORDEL

Ao sugerir possíveis relações entre a Filosofia e Cordel, por ocasião dos conteúdos diversos que fazem parte dos nossos currículos, a proposta de unir a filosofia e o cordel tem o propósito de alongar uma discussão que chega a ser um convite para um olhar que busque estratégias de ensino nas aulas de filosofia. Sendo assim, trazemos uma possível relação entre a filosofia e o cordel para a construção do conhecimento filosófico na sala de aula do Ensino Médio, em igual permissibilidade a uma interdisciplinaridade com outros saberes que compõe o currículo no Ensino Médio, permitindo, também, a reflexão das diversas práticas culturais. Nesse caminho, o cordel na sua estética textual, dá ao seu leitor, por ocasião das suas rimas e do seu jeito poético, um fácil entendimento e um entrosamento com outros saberes.

Entretanto, uma coisa é certa: a filosofia, como um sistema de leis, de conclusões, não existe e nem pode existir. Se existisse, não haveria mais filósofos. Qual a filosofia a aprender?! O legítimo filosofar é a tentativa de responder, pessoalmente, a uma pergunta pessoal, sobre algo experienciado (TELES, 2009, p. 12).

E experienciar algo a mais juntamente com a filosofia e que esse algo a mais seja o instrumento do cordel, nos possibilita responder a pergunta a que se propõe a própria filosofia no que se refere ao ato de apreender, pois, “Hoje em dia, como outrora, todos parecem saber que não há povo cuja história não tenha começado com fábulas ou com mitologia” (DETIENNE, 1998, p. 9).

A dialética é sem dúvida uma característica muito importante da Filosofia e assim o jogo de palavras, a construção do raciocínio lógico reflete a força da cultura oral. As obras artísticas como: as Tragédias, as Comédias, os Tratados filosóficos, entre outras, tiveram sua origem na epopéia grega.

Uma prova forte e eficaz de que é possível haver entendimento através das rimas e do jogo de palavras são as obras atribuídas a Homero (A íliada e Odisséia), que nos chegaram para o nosso deleite no qual,

No século VIII a. C. não havia nem livrarias, nem editores nem mesmo, evidentemente, gráficas. A imprensa apareceu de início na China e, depois, no Ocidente, no século XV, com Gutemberg. Foi em 1448 que, pela primeira vez, os poemas homéricos foram impressos, e isso se deu em Florença, na Itália. (NAQUET, 2002, p. 16.)

Consideradas completas do ponto de vista ético e estético, por elas (A íliada e Odisséia) retratarem a história do povo grego na sua natureza mais íntima, a poesia homérica tinha como principal objetivo tocar aqueles que a ouvissem, ou seja, a educação pelos exemplos éticos e morais, demonstrada através das figuras heroicas, os verdadeiros modelos a serem seguidos. Portanto, “Tanto na íliada como na Odisséia levam a marca de um autor “monumental”, que sabe o que vai dizer do começo ao fim” (NAQUET, 2002, p. 19).

Por esse motivo a poesia teve um papel importante na vida do povo grego. Nas mais diversas histórias sobre Homero e tidas exclusivamente como lendárias se diz que “[...] a memória de um homem era mais extraordinária quando ele se encontrava desprovido da visão [...]” (NAQUET, 2002, p. 13).

Nas muitas situações pelas quais passamos quando tentamos compreender filosoficamente um pensamento ou um texto que nos é apresentado, muitas vezes nos tornamos totalmente desprovidos de visão, ou acabamos por tentar adivinhar o que está por trás, ou vamos buscar no que é óbvio e consensual na tentativa de resolvermos os problemas

existentes ou não nas situações. Tomemos a citação “desprovido de visão” no sentido oposto, apresentado por Naquet e nos remetamos nos remete às situações cotidianas de um professor e de alunos numa sala de aula de filosofia, pois se sabe que as propostas de aulas são inúmeras, no entanto, a visão conturbada sobre elas também refletem os modelos postos ao longo do tempo para fins de aprendizagens. É, sem dúvida, uma escolha que pode ter um olhar desagradável diante de um sistema formatado e jogado nos livros didáticos e sites de pesquisas.

A filosofia tem essa peculiaridade de refletir o que nos é apresentado e, sem dúvidas, Homero nos deixa um exemplo quando na ilha de Quilos, mais precisamente na chamada “pedra de Homero” que é

chamada também de “pedra do mestre-escola”, um rochedo no qual foi talhado um assento de onde o poeta recitava seus versos para as crianças. Na ilha de Quilos havia os chamados homeridas, que se diziam descendentes de Homero e constituíam um grupo de *rapsodos*¹⁰ que cantavam os poemas de seu pretenso antepassado (NAQUET, 2002, p.13).

Ao perceber a forma pela qual os rapsodos conduziam sua arte de soltar as palavras, Sócrates assevera:

Confesso, Íon, que, por mais de uma vez, invejei a vossa arte e a dos demais rapsodos! Ela vos obriga a estarem sempre arrumados, mostrando-vos tão belos quanto possível; ao mesmo tempo, sois compelidos a viver na companhia de uma multidão de bons poetas, sobretudo na de Homero, o melhor e o mais divino de todos (NAQUET, 2002, p. 14)

Levando em consideração as citações acima, podemos afirmar que há semelhança na poesia homérica e o cordel, diga-se de passagem - pois Homero era tido como um *aedo*, do grego (aoidós) traduzida como “cantor” - cujos esses cantos utilizavam os instrumentos chamados *phóminx*, e não como um rapsodo. Na recitação de uma obra em cordel, também esta pode ser cantada e acompanhada por instrumentos musicais como a viola, por exemplo, ou seguir o ritmo sincronizado dos dedos das mãos do cordelista, que conta sua métrica com a desenvoltura de um maestro e sua batuta traz à frente uma das características marcante que

¹⁰ “Vocês podem ver um deles num vaso ático do século v a.C. Ele estende o braço, segurando um bastão, num gesto oratório, e de sua boca escapam, tal como nas nossas histórias em quadrinhos, palavras ou versos de um poema épico. No século seguinte, o filósofo Platão põe em cena num dos seus diálogos seu mestre, o ateniense Sócrates (que foi condenado à morte em 399), dirigindo-se a um desses rapsodos, Íon de éfeso (cidade da Jônia)” (NAQUET, 2002, p. 14).

um professor deve ter que é um falar que cante seus ensinamentos de uma forma prazerosa e reflexiva.

Ao acreditar nessa força da cultura e em como utilizá-la nos versos de como é possível tocar as pessoas, faz-se a relação, citando como exemplo dessa força a literatura de cordel que tem e mantém como fonte inspiradora suas tradições, seu povo e seus heróis. Os poetas encantam e envolvem aqueles que os escutam, os cordelistas também conseguem sensibilizar aqueles que se deixam seduzir por sua rima, e por se tratar de artistas populares estão fora de influências que possam desviar a criatividade original advinda do saber popular.

Sabendo que a realidade da nossa educação mostra que existe na maioria dos alunos uma forte aversão a leitura, seja a leitura qual for diante desta situação, surge a proposta do instrumento do cordel na sala de aula de filosofia para uma melhor possibilidade de interação entre leitor e a obra filosófica original. Entretanto, não desmerecendo em nenhum momento a importância do contato do aluno com textos ou obras originais, busca-se somente ter uma opção a mais na sala de aula, como mais uma tentativa de despertar o interesse dos alunos, e assim instrumentalizar o Ensino da Filosofia com o cordel, conscientizando o professor de que ele pode manter seu conteúdo mais dinâmico e diversificado, fugindo um pouco da forma tradicional de ensino. A Filosofia pode fazer com que as futuras gerações e os presentes se tornem mais livres, no que diz respeito às opiniões.

É possível tirar alunos e professores dessa “apatia” que se vive nas salas de aula, despertando nos alunos o que mais importa no homem: a virtude tão discutida pelos filósofos. Entende-se que aprender Filosofia através da literatura de cordel é um aliado a mais, visto que ensinar filosofia no ensino médio não se faz de um único jeito, e esta teve ao longo da história várias definições, e algumas aceitáveis. Portanto, tentar defini-la é cair somente em um contexto apenas do ponto de vista histórico. Não podemos negar que a Filosofia surgiu e se aperfeiçoou com os Gregos, principalmente com os filósofos pré-socráticos, sua trajetória nos mostra o que compreendemos como um novo princípio na tentativa incessante de encontrar a verdade, ou uma resposta para as questões mais fundamentais da existência da vida e do mundo.

O ato de filosofar é importante para o homem, pois ele é um animal diferente, só ele é consciente da realidade e de si, reflete e age sobre si próprio, daí trazendo uma transformação dando vida e sentido para suas interpretações, criando, assim, sua própria cultura. Existe, portanto, outros aspectos que poderíamos elencar que conduz o homem ao ato de filosofar e

por isso levanta vários questionamentos como: “De onde vim”? “para onde vou”? “Como devo me conduzir”? Dentre outros. Dessa forma, para que haja uma investigação filosófica é preciso tomar consciência das coisas que existem e o que elas representam, em constante reflexão, pois como diz Husserl: “A Filosofia, por essência, uma ciência dos começos verdadeiros, das origens radicais”. (HUSSERL apud LUIJPEN, 1973, p.12).

Portanto, o ato de filosofar faz parte do humano, e a própria filosofia não pode ser uma receita pronta e acabada, pois, assim, não seria filosofia e nem haveria filósofos. O filosofar deve ser as respostas, e não a resposta é um ato pessoal de tentar dar respostas para as questões individuais, sobre aquilo que se vive concretamente.

5.1 Reflexões sobre o cordel como instrumento no ensino de filosofia em um texto de cordel

O desejo de utilizar o instrumento do cordel na sala de aula do Ensino Médio nas aulas de Filosofia surgiu quando íamos apresentar as obras: *Da tranquilidade da alma* do filósofo Sêneca e a obra *Alceste* uma Tragédia grega de Eurípides, nos seminários das disciplinas de Filosofia antiga e de Introdução à filosofia do curso de Filosofia, quando sugerimos transformar as referidas obras em cordel e destas resultou o projeto de pesquisa.

Optamos, pois, por levar as obras em cordel construídas pela autora desse trabalho para as aulas de filosofia do Ensino Médio nas escolas públicas. Os estudantes mostraram-se receptivos a nossa proposta que culminou com interessantes produções artísticas através das obras apresentadas, as quais ultrapassaram nossos objetivos que a princípio seria apenas a demonstração das obras em questão que podem ser lidas em anexo.

Uma das escolas foi o Centro de atenção à criança e ao adolescente no estado da Paraíba, na cidade de Campina Grande, na Rua José Marques Ferreira, 100 - Malvinas, CEP: 58.432-545. Telefone: 3333-7638 / 3333-7624 / 3339-9956, que tem a direção da professora Joene Alves Macedo. O Centro de atenção à criança e ao adolescente, tem como âmbito de ação os bairros das Malvinas, Cruzeiro, Santa Rosa, Presidente Médici, Rocha Cavalcante, Cinza, Conjunto Santa Mônica, Verdejante, Bodocongó e Santa Cruz. O projeto Cordel: Instrumento para o filosofar desenvolvido na referida escola teve como público alvo os alunos do Projeto Mais Educação da referida escola e alunos do Ensino Médio regular do turno da manhã. O Programa Mais Educação é parte integrante das ações do Plano de desenvolvimento

da Educação. É a aproximação do educando com o espaço escolar, e tem como principal objetivo uma educação integral, possibilitando a partir da prática, e da convivência com a escola, o contato com o cotidiano, de entender como é o ambiente escolar, com suas especificidades, capacidades, dissabores, qualidades, que de forma geral proporcionam o conhecimento da escola, dos alunos e suas particularidades.

As atividades com o Programa Mais Educação no Centro de Atenção à criança e ao adolescente foram iniciadas a partir do segundo semestre do ano de 2012, mais precisamente no mês de julho depois de uma formação e apresentação do programa pela equipe técnica do governo do estado aos diretores e professores comunitários. O ponto culminante foi a construção do cordel intitulado “Diga sim a vida” nas aulas de filosofia que pode ser conferido em anexo.

No primeiro encontro com o grupo do Programa Nacional de inclusão ao jovem em Areial podemos fazer uma avaliação da turma. Segundo informações da orientadora social Josimere Pires da Silva, a frequência dos alunos gira em torno de quinze a vinte jovens de quinze anos em uma turma mista (rapazes e moças) durante toda a semana no período noturno já que todos estudam em horários da manhã e da tarde. A citada orientadora ao ser questionada sobre as atividades desenvolvidas naquele espaço informou que as mesmas consistem em aulas que buscam discutir questões sociais, culturais, ambientais, que visam a conscientizações desses problemas na atualidade. Durante a semana eles assistem a vídeos, filmes, tem aulas de karatê, de dança e também assistem palestras.

Os nossos encontros com os jovens do Programa Nacional de inclusão ao jovem eram sempre às segundas-feiras, e nesse primeiro contato levamos a eles nosso projeto de desenvolver a literatura de cordel e os textos filosóficos como uma nova forma de vivência desses dois importantes seguimentos do nosso cotidiano, de forma a aproximá-los tanto dos elementos fundamentais da nossa cultura, o cordel, bem como da nova disciplina do currículo nacional, a Filosofia. Inicialmente buscamos saber se eles já tinham tido contato com o cordel e com filosofia e propomos a eles responderem a um questionário (em anexo) que visava aproximar e mesmo conhecer melhor cada um para detectarmos as capacidades cognoscitivas desses alunos. Após avaliarmos esses questionários, passamos para um novo encontro e nesse segundo momento apresentamos primeiramente a história do cordel e toda sua estrutura, ou seja, a rima, os versos e a métrica, todo contexto de seu surgimento, o estreitamento de seu

modo de escrita e a oralidade poética no nordeste causando, assim, uma familiaridade e uma absorção de seus elementos por parte da tradição oral de nossa cultura nordestina.

Os demais encontros foram para apresentar a filosofia um pouco da sua tradição seus autores e sua relação com o cordel. Discutimos temas que tinham sido escolhidos pelos alunos para serem trabalhados e decidimos que ficaríamos com o tema mais votado por eles que foi: amizade. Nós escolhemos um texto de Aristóteles sobre o tema que se encontra na *Ética a Nicômaco* e os separamos em grupos para que eles, após a leitura, pudessem também se aventurar no mundo da escrita poética filosófica e produzissem seus versos sobre o tema. Acabou surgimento mais do que versos, fizemos, também, um blog, os folhetos de cordel, e os mais simples trabalhos finalizados por cada um que participa na construção desse conhecimento, deixou evidentemente um resultado satisfatório a todos que com seu trabalho fazem acontecer os projetos de extensão no mundo acadêmico. O mesmo processo foi realizado nas duas escolas escolhidas.

Dentre os desafios que os professores de Filosofia se deparam, um, em especial, nos leva a buscar novos métodos de ensino. A leitura no Brasil não é estimulada e assim acontece nosso grande desafio. A maioria das pessoas que já teve contato com a Filosofia sabe o quanto é importante a leitura dos textos tradicionais. Nesse processo, o tempo do professor com o aluno também sofre consequências, tentar e buscar fontes que nos façam alcançar nossos objetivos não é uma tarefa fácil, mas é preciso se utilizar de todos os recursos disponíveis, dentre eles, a literatura de cordel. Uma maneira de introduzir mais rapidamente um determinado assunto em um período de tempo menor e utilizando uma linguagem mais acessível aos ouvintes, assim, o cordel se torna cada vez mais eficaz.

Pode parecer algo pretensioso, mas a experiência do uso do cordel com os alunos é satisfatória, podendo até despertar, em alguns casos, o desejo da produção literária pelo aluno. Sendo o cordel um produto livre, dentro de um universo cultural mais próximo do aluno, o despertar de habilidades até então não exploradas pode vir à tona. Podemos demonstrar como exemplo, a experiência vivenciada em 2012 nas Escolas Estaduais de Ensino Médio com alunos de 1º ano. Após apresentar alguns autores da Filosofia antiga com textos dos próprios autores surgiu a necessidade de mostrar-lhes algo novo. Ao trabalharmos vida e obra de Platão nos deparamos com a famosa Alegoria da caverna, na qual Platão faz todo um percurso educacional que leva ao pensamento filosófico e também à posição do filósofo diante da sociedade. Como na *República* os diálogos platônicos são extensos e precisamos de um tempo

maior para o aprofundamento, pois seria praticamente impossível trabalhar de maneira eficaz um assunto de tanta relevância para a filosofia, bem como para um pensar filosófico. Daí a iniciativa de utilizar o cordel “O mito da caverna e o mundo das sombras” do cordelista Medeiros Braga. A leitura poética do texto nos fez interagir mais com os alunos por não trazer o peso da leitura do texto em si que demanda um pouco mais de tempo e traquejo vocabular expresso normalmente em um texto milenar. Trazer essa visão mais contemporânea de uma filosofia da antiguidade com elementos regionais de nossa cultura mostra também a versatilidade da filosofia.

O jovem ou pelo menos uma grande maioria não entende o porquê de resgatar um conhecimento do passado. Sendo assim, buscar métodos que nos ajudem nessa tarefa é primordial. Com relação à questão de entendimento dos alunos, a linguagem do cordel e mesmo a praticidade na compreensão desperta mais a atenção e os mantém mais interessados na dinâmica do texto. Sabemos que em um mundo imediatista e de uma dinâmica no acesso à informação é preciso nos adaptar as novas gerações que normalmente não dispõem da paciência e mesmo do hábito da concentração que requer uma boa leitura e uma boa reflexão sobre os textos.

Por isso a leitura de cordéis com temas filosóficos devem ser utilizados com frequência em nossas turmas para melhor aproveitamento do tempo que dispomos e também por nos proporcionar uma abertura para o diálogo num curto espaço de tempo, não deixando com que o aluno se distraia ou mesmo se esqueça dos pontos principais de determinado assunto.

Os textos construídos com os respectivos grupos também em anexo segue outro momento, o de produção desses versos após a leitura, os esclarecimentos de possíveis dúvidas, bem como de debates sobre as posições filosóficas do autor. Depois disso, os jovens passaram a produção de suas reflexões sobre o assunto abordado e os resultados foram estrofes que desafiaram os candidatos a cordelistas de maneira romântica, porém, de certa astúcia por ser um desafio novo que deixou algo certamente gravado em suas mentes. Portanto segue algumas das estrofes construídas pelos jovens, todas no original, pois não fizemos correções por se tratar de um primeiro contato e porque não queremos desaboná-los logo nas suas primeiras empreitadas. Deixamos, assim, um gosto de querer mais e honrando um compromisso depositado para com o projeto de estar caminhando rumo a uma possível e

agradável relação entre o cordel e a filosofia, trabalhando diretamente com a comunidade não universitária.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao Considerar que a Filosofia está na literatura de cordel, principalmente aqui na região nordeste, acredita-se que a mesma pode ser uma aliada no trabalho de ensinar Filosofia, fazendo da “filosofia-cordel” uma parceria fascinante na prática do professor.

Observando a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – que ressalta sobre a obrigatoriedade do ensino da filosofia no ensino médio, deste modo, opta-se por apresentar a literatura de cordel como um dos instrumentos possíveis para o professor de filosofia, partindo de relatos de quem viveu o que é ensiná-la.

A história da Filosofia, bem como toda história da humanidade é mantida desde sua origem uma complexidade pautada em teorias bem sistematizadas, sendo assim, na maioria das vezes, longe do entendimento das pessoas e, principalmente do entendimento dos adolescentes e jovens. Na sociedade atual, nota-se uma desvalorização do Ensino de Filosofia, por muitas vezes está ser tida como desnecessária na vida pragmática que levamos, sendo, portanto, também vista como sem nenhuma utilidade por muitos e distante das realidades juvenis.

A experiência com as obras em cordel permitiu a construção de aprendizagens significativas, mas também possibilitou especialmente o despertar do interesse pela leitura/recitação de poesias nos folhetos de cordel e neste com a Filosofia. Para esclarecer, por meio da poesia que existe nos folhetos de cordel, pretendeu-se estabelecer uma relação com a Filosofia e mesmo, por ser um gênero singular saindo de um saber popular para a construção de outros saberes com um olhar sensível para a vida. Assim, para ilustrar, foram utilizadas obras filosóficas no seu texto original e em cordel.

Ao instrumentalizar o cordel em sala de aula, entende-se que o professor de filosofia poetizará o que há de belo e estético, além de enriquecer a arte e a cultura que pode ser desvelada no *mote* da Filosofia em uma sala de aula. Nesse sentido, O professor mesmo sabendo das adversidades encontradas na poesia dos folhetos de cordel, sem perder de vista o seu papel, pode criar e recriar no mundo do *cordel* o que se percebe no mundo social, sua compreensão, acompanhando o seu público em meio a versos esteticamente bem desenvolvidos, falando da Filosofia através do cordel, contando desde a Grécia antiga a epopéia da vida.

Pensamos que o trabalho realizado diretamente nas escolas citadas foi de grande relevância não só para os alunos, como também para a comunidade escolar, uma vez que houve um grande envolvimento por parte de todos na produção dos cordéis, ao mesmo tempo em que, nesta produção, a filosofia pôde ser socializada e percebida não só como um saber muito distante da realidade desses mesmos alunos, mas como um saber que pode fazer parte das suas vidas, contribuindo, inclusive, para o alargamento dos horizontes dessas pessoas que a partir da filosofia podem repensar melhor o seu modo de estar no mundo.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL (ABLC). **História da ABLC**. Santa Teresa, RJ:

ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, M. Helena P. **Filosofando, introdução à filosofia**. 2. ed. rev. e atual. S. Paulo: Moderna, 1993.

APOLINÁRIO, Rodrigo Emanuel de Freitas. **Literatura de cordel na Paraíba: da Serra de Teixeira à internet**. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 2007.

BATISTA, Sebastião Nunes. Antologia da literatura de cordel. In: APOLINÁRIO, Rodrigo Emanuel de Freitas. **Literatura de Cordel na Paraíba: da Serra de Teixeira à internet**. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Ciências Humanas e suas Tecnologias/Secretaria de Educação Básica. 2006. v. 3.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Ensino de Filosofia).

CERLETTI, Alejandro. **Em direção a uma didática filosófica**. Belo Horizonte: Autêntica 2009. (Coleção Ensino de Filosofia).

CORNELLI, Gabrielli (Org.) **A lição dos clássicos: algumas anotações sobre a história da Filosofia na sala de aula**. Ensino de filosofia: teoria e prática. UNIJUI, 2004. (Coleção Filosofia e Ensino; 6).

DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

GOTO, Roberto. **Um diálogo e um simpósio intermináveis**. São Paulo: Loyola, 2009.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortês, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LIRA, Janaína. **A literatura de cordel na sala de aula**. Campina Grande/PB: Universidade Federal de Campina Grande, 2004.

LUIJPEN, W. **Introdução à fenomenologia existencial**. São Paulo, USP, 1973.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Adaga; São Paulo: Luzeiro, 2012.

PEREGRINO, Umberto. **Literatura de cordel em discussão**. Rio de Janeiro: Presença; Natal: Fundação José Augusto, 1984..

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas cidades, 2001.

_____. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. Ed. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SÊNECA, Lúcio Aneu. Da tranqüilidade da alma. In: EPICURO. **Antologia de textos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Revista Carta na escola, n° 20, outubro 2007.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para jovens**: uma iniciação à filosofia. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VIDAL-NAQUE, Pierre. **O mundo de Homero**. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Disponível em: <http://rosadocordel.blogspot.com.br/2008/03/filosofia-em-cordel.html>
1/11/2013. Acesso em: dia mês ano

Disponível em: <http://www.filoinfo.bemvindo.net/plotinus/taxonomy/term/4217/0>. Acesso em 05/07/2011.

Disponível em: <http://www.parangobrasil.conteudo>. Acesso em: 06. mai. 2010.

ANEXO A - Grupo I (Beatriz, Laércio Franklin, Rejane)

A amizade para Aristóteles
 É ficar com seu amigo
 Compartilhando momentos
 Do presente ao ocorrido.
 Sendo raras as amizades
 Em todo e qualquer sentido

As classes de amizades
 São todas diferentes
 Umas mais animadas
 E outras até muito descontentes
 Umas ficam para traz
 Outras seguem para frente.
 Mas com o passar do tempo
 Algumas se tornam divergentes

Amigos ricos ou pobres
 Precisamos conservar
 Independente de quem seja
 Temos sempre que ajudar.
 Amizade é um bem precioso
 Não podemos classificar

Grupo II (Valdênia, Anderson, Adenilson)

Na amizade temos dois lados
 Um lado bom e um mau
 O bom é capaz de manter amigos
 Do mau não se extraem nada igual

No bom temos mútuas confianças
 Na verdadeira amizade
 Porém na incapacidade de fazerem suspeitas e calúnias
 São assim os amigos fundados pela virtude

Assim pensou Aristóteles amizade requer autenticidade
 E se necessitam de atenção
 Atos, gestos, carinhos e humildade
 Como ao abraço de um irmão

Todos são agradecidos
 Pela vontade divina
 Mostrando-se sempre educados
 Vejam que tão bela sina!

Grupo III (Camilla, Valmonia, Danilo e Maycon)

Amigo verdadeiro ou fingido
 Essa é então a questão
 Não quero ninguém me iludindo
 Sem ter nenhuma consideração

Amizade segundo Aristóteles não é ficar sempre curtindo
 O amigo também dá sermão
 Quero aquele amigo sorrindo
 E sempre me dando a mão

Não quero um bajulador e você?
 Amigo verdadeiro ou fingido
 Você que vai ter que escolher
 O que importa nessa vida é ter sempre o amigo

Voltando-se ao poder
 Nas relações dos homens primeiros
 Buscamos assim entender
 Pois sempre estão os associados com corrupção dos governos

O poder nos faz suprimidos
 E distanciam-se por classes
 Muitos se dizem amigos
 No fim nos revelam a fâces

Grupo IV (Robert, Fabíola)

Toda amizade envolve uma associação
 Associação de amigos definiu-se assim amizade
 Uma amizade concidadão
 Será essa a realidade?

Como últimos laços familiares
 De hospitalidade entre estrangeiros
 Lutaram por suas amizades
 Até membros de tribos e marinheiros

Os pais devem conhecer melhor seus filhos
 Pois o mundo que lhe espera
 Trazem bastantes conflitos
 Se unam num só sentimento para vencer a quimera

Os laços familiares Aristóteles vêm nos dizer
 Na ética a Nicomaco podemos assim perceber
 a afetividade nas que são peculiares
 Que ajuda na amizade sem nada pretender

ANEXO B - Cordel: diga sim à vida

Autores: alunos do caic José Joffily e a professora Sílvia Teodulino.
Campina Grande, 2013.

- 1- Sobre as drogas vou falar
Preste muita atenção
Se você se interessar
Pelo assunto em questão
São das drogas meus amigos
Que falo de coração.

- 2- Poderia até citar
As drogas de montão
Porém quero deixar
Somente o que é são
Os alunos do caic
De olho nelas estão.

- 3- O caic tá sofrido
Mas, também abençoado
Nele não falta espaço
Pra maior aprendizado
Temos bons professores
E alunos dedicados.

- 4- Aqui no nosso caic
Existem as boas aulas
Professores responsáveis
Mas, alguns alunos “malas”
Ficam lá fora deixando
O aprendizado nas salas.

- 5- E lá fora da escola
Uma felicidade disfarçada
Alguns pensam encontrar
A droga, até preçada...
Oferecida num lugar
E não vai servir pra nada.

- 6- Hoje o mundo tá perdido
Falta amor no coração
Pois a droga invadiu
Causando muita confusão
Matando milhões de pessoas
Para a paz diz um não.

- 7- As drogas hoje em dia
É bastante consumida
Pelos alunos nas escolas
Ela é bem confundida
Com muitas outras coisas
Que fazem bem a vida.
- 8- A família é importante
Para a nossa educação
Quanto mais a gente estuda
Presta mais atenção
Nos assuntos que envolvem
Para a boa formação.
- 9- E a família sofre...
Essa terrível maldição!
Que é chamada de droga
E causa devastação
As crianças e os jovens
Ficam sem motivação.
- 10- Depois que se entra nessa
Não é fácil de sair
O efeito dura minutos
Vai somente destruir
Ficando uma tristeza
De não querer existir.
- 11- Existem momentos na vida
Que não podemos vacilar
Quanto mais nos envolvemos
É difícil adivinhar
O que a vida pode trazer
Ou pode nos reservar.
- 12- Viver cada momento
Que é dado por deus
Vivendo uma história
Por sermos filhos seus
Porque hoje é difícil
Os ensinamentos teus.
- 13- A paixão é uma “droga”
O amor é diferente
Gosto mesmo é de ficar
Seja com alguém contente
Poi é melhor está sozinho
E não chamado de carente.

14- Eu acredito ainda
Que existe salvação
Basta ter muita fé
E deus no coração
Pra depois poder dizer
Que viver é a solução.

15- Se o mundo te julgar
Jesus diz: vem como estás
Ele te ama com defeitos
Na nossa vida mais faz
Se você acreditar
Ele já te satisfaz.

16- Se você é inteligente
Vai saber apreciar
Uma aula todo dia
Isso sim é “viajar”...
Pelo mundo do prazer
E vai só comemorar.

17- Agora queremos deixar
Um recado meu irmão
Pra você viver feliz
Siga a educação
Pois “a droga é uma droga”
E pra ela diga não.

ANEXO C: DA TRANQUILIDADE DA ALMA

Por Sílvia Teodulino.

1- Dos jardins de Epicuro
Tive a imensa satisfação,
De que viver com prazer
É sempre uma decisão,
Porém o epicurismo,
Como diz no cristianismo
Nem só de pão vive o cristão.

2- Agora vamos conhecer,
Um dos estóicos em ação
Não será do prazer
Que Sêneca fará menção
Mas que a natureza em si
E foi o que eu vi
É tomada pela razão.

3-A tranquilidade da alma
É o cerne da questão
Ao seu amigo é contada
Ele lhe dá explicação
Pois a tranquilidade da alma
Sua obra que acalma,
É a sua preocupação.

4- Pois a virtude e o vício
Estão em contradição,
Tirando-lhe a paz de espírito
Causando-lhe inquietação,
Deixa o humor comprometido.
E ele fica bem contido
Diante da situação.

5- E aí vem à resposta
Que o seu amigo escreveu:
Ela não vem de fora,
Nem tão pouco de um deus,
Pois existe uma solução:
Que anula a razão
E o prazer esmoreceu.

6-E chama esse mal
De doença sem cabimento,
E que dela vai gerar
Um forte descontentamento

Trata-se de uma melancolia

Retirando a alegria.
Trazendo constrangimento.

7- E fala de Atenodoro ,
Que pra fadiga indica
Uma vida social,
Pois ele assim implica
Que uma vida tranquila,
Não deixa que aniquila
A sintonia de cá.

8-Diz que a virtude não está
Nem no ir e nem no recuar,
Mas para a utilidade
Vale à pena procurar,
Pois a parte que te cabe
É aquela que se sabe
Onde o maior pedaço estar.

9-Sêneca ainda vai dizer
Dos maus efeitos da riqueza,
Que é preciso resolver,
Da riqueza e da pobreza
Estão livres de sofrer,
Eo que não se possa ter,
Faz parte da natureza.

10-Cita o exemplo de Bión,
O poeta satírico,
E também cínico grego,
Que disse bem esse conceito:
“Pra o cabeludo e o calvo
Ao arrancar todo cabelo
É penoso do mesmo jeito”.

11- Diógenes, assim chamado
Por sua compreensão
Aos perigos da riqueza,
Pois só lhe basta um pão,
Para saciar a fome,
E ter o que se come
Numa mesa com ladrão.

12- E dois exemplos nos ficam
Viver com uma firmeza:

O cínico Diógenes e Bión,
Relatam com esperteza
Quando tudo se condensa
Pra se ter uma presença
Nada pode sofrer a natureza.

13- A essa infelicidade
Que nos leva até o chão,
A ela Sêneca diz:
Que desejar, pode não.
O que está no alto e se quis,
Fazendo-se infeliz
E todos participarão.

14- Um conselho é bem vindo,
Ao sábio nada é temido
E a fortuna nunca se dar
Sabe que nada é retido
E agradece ao doar,
No amanhã que vai chegar
Nada o surpreenderá.

15 Quem quiser tranquilidade
Precisa se ocupar,
Não dos negócios dos outros
Mas dos seus em particular,
O sábio aí explode
Que concretizar pode
O que sabe antecipar.

16- Obstinação e leviandade
Faz a tranquilidade,
Um mal que escurece.
E a alma assim precede
Luta contra a espreitada
Que lhe é apresentada
A toda sorte apresentada.

17- Porém quando a morte vem
Não há o que lamentar
Aqueles que nos precedem
Chorar não vai adiantar
É o que diz Júlio cano
Quando passa do mundano,
Aos seus amigos de cá.

18- Ele diz aos seus amigos:

Por que estás a chorar?
Verei se a alma é imortal
E logo vou lhes falar,
Pois o bravo é aquele
Que vê na miséria dele
Meio pra se immortalizar.

19- Simplicidade é, portanto,
Tirar a máscara da hipocrisia
Pois a sinceridade
É a melhor companhia
E o desprezo não afeta
Aquele que se leva
Sempre pela harmonia.

20- `Sêneca ainda fala
Do que é divertimento
É alternar vida, trabalho
Pra restaurar o talento
O sono nem muito, nem pouco
Pois pode ficar louco
É a morte que apresento.

21- Os amigos são importantes
Porém em boa medida
Se são muito diferentes
Em nós pode abrir ferida
Mas, sem eles acontece
Que a alma enfraquece
E não é essa a investida.

22- Daí amigo Sereno,
Eis os meios a conservar
A tranquilidade da alma
E pra ela se chegar
É preciso vigiar
Para não se perturbar
E a tranquilidade alcançar.

**ANEXO D - Alceste (tragédia
Por Sílvia Teodulino.**

1- Depois de tantas tragédias
De Medéia a Édipo rei...
Teremos então agora,
A última para vocês.
É um recado trágico,
Porém um aprendizado,
E tudo de uma só vez.

2- É uma tragédia de amor
Coragem, renuncia e afeição,
E também de muita dor.
Com muita dedicação
Ela morre pelo seu amado,
Que por todos é comentado
Causando muita aflição.

3- É Alceste, que vem contagiar
Tamanha presteza a ela,
Pode-se imaginar.
Pois na vida que se leva
Não se pode pensar
Nem tão pouco encontrar
Alguém que ao outro se dar.

4- E tudo começa com Zeus
Irado e decidido,
Que mata o filho de Apolo
E esse enfurecido
Desconta a sua ira
Nos ciclopes que seria
Um enorme acontecido.

5- Assim Zeus se enfurece
E obriga para Apolo
Servir os mortais por um ano
Apolo serve Admeto
E este por sua vez,
Queria casar cortês
Num grande acontecimento.

6- Porém havia uma condição
Imposta com convicção,
Pelo pai de Alceste, Pélias
Que só daria a sua Mão,
Aquele por onde vem

Numa grande carruagem
Com javali e leão.

7- Com a ajuda de Apolo
Admeto conseguiu esse feito,
Casou-se assim com Alceste
E foi um casamento perfeito
Porém, Admeto adocece,
Perto da morte esmorece.
Seguindo o seu preceito.

8- E chega Apolo de novo
Querendo contradizer
Tentando negociar,
E tudo se resolver
Oferece-se no lugar
Para Admeto salvar
Mas não vai acontecer.

9- Pois era a única opção
Para a morte enganar,
Nem os pais de Admeto,
Nem as pessoas do lugar
Queriam se dá em troca
Admeto faz a proposta,
Para a morte se afastar .

10- Alceste, bem disposta
Oferece-se em seu lugar,
Sua amada tão jovem
Ele não pode aceitar
É pra ele um desperdício
O tamanho sacrificio
E resta apenas confiar.

11- Admeto se curava
E Alceste definhava.
Todos no reino queriam
Uma nova chance pra ela,
Porém não era possível
Para Tânatos, tava fácil
Alceste, é presa dela.

12- E o lamento era grande
Um rio de lagrimas se expande,
Surge, Hércules,
Um forte viajante.
Que seria acolhido
Mas, tamanho acontecido
Foi pra ele ofegante.

13- Ele fica desolado...
 Como iria agradecer?
 Pois tamanha hospedagem
 Era bela de se ver.
 E apesar de tanta tristeza
 Admeto com destreza
 Não deixara transparecer.

14- Hércules foi até o hades,
 E lutou para vencer
 E trouxe Alceste de volta,
 Para Admeto ver.
 Que disse para o amigo
 Afastar aquele perigo,
 Para ele compreender.

15- Admeto prometera
 Que ele e os filhos seus
 Seriam pra sempre dela
 E nunca a esqueceu
 Pois Alceste era sua
 A amada que na rua
 Ele lutou e venceu.

16- Hércules não desistiu,
 Até ele enxergar,
 Naquela que ressurgiu
 E que ele ver voltar
 Do lugar em que a morte
 Para o mundo não devolve
 Mas Alceste quer ficar.

17- Agora quero dizer
 Concluir, finalizar,
 Entre mitos e tragédias
 Todos viram um discursar
 Ficando assim a ideia
 Para essa boa plateia
 Do que filosofar.

Meio pra se imortalizar.

19- Simplicidade é, portanto
 Tirar a máscara da hipocrisia,
 Pois a sinceridade
 É a melhor companhia,
 E o desprezo não afeta

Aquele que se leva
Sempre pela harmonia.

20- E Sêneca ainda fala
Do que é divertimento,
É alternar vida e trabalho
Pra restaurar o talento.
O sono nem muito, nem pouco,
Pois pode ficar louco
É a morte que apresento.

21- Os amigos são importantes,
Porém em boa medida
Se são muito diferentes,
A nós pode abrir ferida
Mas sem eles acontece
Que a alma enfraquece
E não é essa a investida.

22- Daí amigo sereno,
Eis os meios a conservar
A tranquilidade da alma,
E pra ela se chegar.
É preciso vigiar
Para não se perturbar.

ANEXO E - Filosofia em cordel

Por Rosa Régis da Siva¹¹.

Natal/RN – 2005

Folheto 1

Nos disse o mestre dos mestres
do pensar, que foi Platão,
que as coisas só iam entrar
nos eixos neste mundão
quando este fosse mandado,
dirigido, governado,
por filósofos. E então?!...

...

Século VI antes de Cristo
na Grécia continental
as cidades-estado tinham
algo de especial
eram centros que cresciam
no setor comercial.

Os gregos desenvolviam
suas dramatizações
buscando mostrar ao povo
com precisas descrições
o que haviam assimilado
durante as Navegações.

¹¹ ROSA RAMOS REGIS DA SILVA Paraibana, do Sítio Jerimum -Jacaraú-PB, residente em Natal–RN, desde 1966. (Graduada em Economia e Filosofia pela UFRN. Professora de Filosofia do Ensino Médio da Estadual do RN (em Natal - Capital do Rio G. do Norte), Amante da Poesia, especialmente do Cordel. Tem trabalhos editados: no Poetas del Mundo: www.poetasdelmundo.com - Rosa Ramos Regis da Silva; No Recanto das Letras: Rosa Regis www.recantodasletras.com.br/autores/rosaramos.

O governo da carência
era, ora, idealizado.
Ao invés do “do acaso”.
E, com base, estruturado
para uma democracia
com que haviam sonhado.

Herdaram, pois, dos minóicos,
espírito navegador,
desbravando o oceano,
naquele tempo, o terror,
por ser um Ser mitológico,
do Grande Poder, Senhor.

A geometria egípcia
assimilaram mui bem,
como a observação
dos astros, e inda vem:
o calendário dos povos
da Ásia Menor também.

E na falta de alguém
pra responsabilizar
pelo começo de tudo
que se refere ao “pensar”,
Tales é o escolhido
pra do “saber” se falar.

Depois vem Anaximandro,
Pitágoras,... outros virão
com pensamentos diversos,
chegando-se a Platão,
onde se vê seu legado
fluir pra religião.

Vindo depois Aristóteles
que foi o mais influente
dos grandes filósofos gregos,
e o último, evidentemente!
Foi seguidor de Platão
porém não tão docemente.

Quanto aos outros pensadores,
de lá até hoje em dia,
também serão, ao seu tempo,
mencionados. E a via
serão, também, minhas rimas!
Que, espero, cause alegria.

TALES DE MILETO

Tales nasceu em Mileto.
Foi um grande pensador!
Sendo ele o primeiro Sábio
Do mundo. Um conhecedor.
Foi político, geômetra,
e astrônomo. Com louvor.

Século VI antes de Cristo
previu um eclipse solar
que ocorreu. E de mito
não queria ouvir falar!
Mas, do mundo das estrelas,
com quem vivia a sonhar.

Como outros gregos, ele,
o que fez de especial
foi separar a ciência

da magia e, afinal,
ousar pensar sobre o mundo
sem ter Deus como ideal.

E buscando a unidade
das coisas, ele pensou:
“Talvez, no começo, tudo
fosse água! E matutou
consigo mesmo: - Seria
possível? Se indagou.

ANAXIMANDRO

Falemos de Anaximandro,
que veio logo em seguida.
Este era da mesma linha
de Tales, pois que a vida,
pra ele, vinha da água
de uma forma definida:

Os homens vinham dos peixes.

E a Terra flutuava
no espaço sustentada
por algo, que ele afirmava
ser uma lei natural
que no Mundo atuava.

U’a substância primária
unida à lei natural
fazia, pois, que houvesse
um equilíbrio total
entre os elementos que
compunham o Mundo, e tal!

Foi ele, também, quem fez
o primeiro mapa a ser
útil aos desbravadores
que Mileto veio a ter
e que, como mercadores,
comerciaram a valer.

PITÁGORAS

Combinação curiosa
de místico e cientista,
de matemático, geômetra,
como verdadeiro artista
ele manuseia os números
como um hábil equilibrista.

E triste com Policrates,
um ditador, se mandou:
Saiu de Samos, sua terra,
e para o Egito rumou.
Logo depois para a Itália
onde uma escola fundou.

Uma escola baseada
em sua filosofia
matemático-metafísica
que pregava uma harmonia
cós mica que se baseava
nos números. E assim dizia:

A harmonia cós mica tem
base ou fundamentação
nos números que representam
das coisas em si relação.

Podendo-se dar, agora,
uma exemplificação:

Ao dividir-se uma corda
de lira, no comprimento,
descobriram os pitagóricos
que a mesma, a contento,
produz a oitava mais alta
que ao espírito trás alento.

E a noção de harmonia
a tudo o mais se estendeu
como sendo completude
tal qual Pitágoras creu:
Razões de números inteiros,
completos, como entendeu.

Geometria dos sólidos
perfeitos, ele explorou;
descobriu o teorema
que o seu nome herdou
e que até hoje, a muitos,
de terror, arrepiou.

Pitágoras foi o primeiro
que usou o raciocínio
sistemático-dedutivo
d'um axioma óbvio partindo
e, passo a passo, com lógica,
para um final prosseguindo.

E isso impulsionou,
duma forma colossal,
a ciência. Mas ocorre

que o óbvio, como tal,
atormenta até hoje
os filósofos. É real.

E ainda não contente
em demonstrar a importância
que os números representam,
Pitágoras, em outra instância,
afirma que: Nada é novo
e há vida em abundância.

A alma, coisa imortal,
em coisas vivas retorna
à vida, pois, ciclicamente,
ela renasce. E isso torna
a vida um ciclo eterno
que a vida em vida transforma.

E superavaliando
o poder numérico, crê:
O dodecaedro encarna
o Universo inteiro. E,
a harmonia das esferas
e o belo da música, vê.

HERÁCLITO

(Não se entra no mesmo
rio duas vezes)

Quinhentos anos a.C.
Heráclito já afirmava
que tudo estava em fluxo.
Mas também acreditava
em uma justiça cósmica

que o mundo equilibrava.

Era uma idéia complexa!
Na busca do elemento
primário, ele elege
o FOGO. E seu pensamento
afirma que há um fogo
central, sempre em movimento.

...

Houve um florescimento
muito além do normal
da cultura da Grécia clássica,
pois os gregos, em geral,
produziam... tinham idéias...
Era algo fenomenal!

Há grande amor pelo belo
porém sem extravagância.
As coisas da mente vêm,
sempre, em primeira instância
Não os deixando indolentes
e afastando-os da ganância.

Pode-se dar como exemplo
Péricles - grande estadista;
Eurípedes - tragediógrafo;
poetas e ceramistas
como: Safo, que era músico
e, também, pintor. Artista!

Escultores como Fídias!
Que foi um grande escultor.
E cito Safo, outra vez,
como historiador.

E Aristófanes, filósofo
e, da matemática, senhor.

Porém as recém-inventadas
democracias terão
sua base estruturada
em que?... na escravidão!
E só um sexto dos membros
eram ditos cidadãos.

Os escravos, os estrangeiros
e as crianças, enfim,
eram chamados de “bárbaros”.
E as mulheres... pois sim!...
não tinham qualquer direito!
Isso não é mesmo o fim?!

Não contavam para nada!
E isto distorceria
as tentativas que “o grego”
desenvolver tentaria
no que diz respeito a: ética
e política Filosofia.

EMPÉDOCLES

Empédocles de Agrimento
cria uma clepsidra
em metal. Descobre o ar.
E diz que: De Deus duvida.
Julgando-se o próprio Deus!
O dono da sua vida.

Afirma que tudo é:

fogo, terra, água e ar.
 Que as plantas têm sexo.
 A Terra, bola (sem ar).
 E pelo amor e pela luta
 tudo se transformará.

Que a vida rola em ciclos
 históricos. E p'ra provar
 que era mesmo divino,
 no Etna veio a pular.
 E o máximo que conseguiu
 foi, assado, se finar.

OS ATOMISTAS

Falando dos atomistas,
 Quatrocentos e Vinte a.C.
 O mundo, aí, é formado
 por particulazinhas que
 unem-se, formando um todo.
 Seria loucura? Engodo?
 Tente descobrir você!

LEUCIPO E DEMÓCRITO

De Parmênides: a idéia
 de partículas essenciais,
 de Heráclito: o movimento
 que não termina jamais,
 herdado, e propõem: átomos
 indivisíveis. E mais:

Os átomos, ao acaso,
 flutuam. E tão pequeninos

que são não se pode vê-los.
 Porém, do mundo, o destino,
 se deve aos seus movimentos
 diversos em desatino.

Suas diferentes formas
 imutáveis, tinham a ver
 com as transformações do mundo.

E isto tudo, até que
 em Mil e Oitocentos, Dalton
 traz outro modo de ver.

OS SOFISTAS (Grandes mudanças)

Enquanto que para os gregos
 o interesse maior era
 a unidade e a diferença,
 o Universo... quem dera!
 As grandes questões, agora?!
 Isso era apenas quimera.

O sofista, cinicamente,
 dispensa a “grande verdade”
 e, com uma “bela conversa”,
 busca, na realidade,
 é fazer coisas pra si.
 Pra sua comodidade.

E isto leva as pessoas
 a escrever... discursar...
 E, usando paradoxos,
 grandes disputas ganhar
 utilizando argumentos
 deturpados sem corar.

E assim sendo, os problemas,
 fatalmente, vêm a tona.
 Atenas, de incutidores
 de maus costumes, os toma.
 Sendo o cinismo um deles.
 E os sofistas vão à lona.

PROTÁGORAS

Segundo ele, o homem
 era, de tudo, a medida.
 E a sua praticidade
 não lhe deixava saída:
 conhecer a realidade
 era coisa descabida.

Para ele o que importava
 era mesmo a opinião
 útil. Isto é ceticismo
 profundo. E qualquer questão
 não pode ser posta em dúvida
 se é verdadeira ou não.

TRASÍMACO

Para Trasímaco, a Justiça
 era a vantagem de quem
 tem o poder, é mais forte.
 E, desta forma, ele vem,
 de uma forma grosseira,
 “trocar” o mal pelo bem.

Pois este relativismo

absoluto levou
às grosseiras conclusões
a que Trasímaco chegou,
onde justifica a força
com todo o seu ardor.

...

Uma paradinha aqui.
Mas, prometo, voltarei
Noutro folheto, no qual
Com Sócrates começarei.
E verão que maravilha!
Eu o farei em setilha.
E, prometo, capricharei!!

